

CEG 2010

Sindicato faz proposta no limite da negociação

A direção do Sindicato teve mais uma reunião com a CEG na última terça-feira (dia 5 de outubro) cobrando um posicionamento em relação às reivindicações da categoria que, em Assembléia, rejeitou a mais recente contraproposta patronal.

Mantendo a sua característica procura por uma solução negociada baseada no diálogo, a direção do Sintergia lembrou à CEG sobre a importância de remunerar adequadamente seu quadro funcional, motivando-o a seguir proporcionando à empresa os resultados altamente positivos obtidos nos últimos anos.

Depois de deixar claro seu posicionamento em defesa dos direitos dos trabalhadores, a direção do Sintergia deixou a reunião e espera resposta da empresa para convocar os trabalhadores para nova Assembléia, que vai decidir os próximos passos da Campanha Salarial.

A CEG tem lastro suficiente para atender à expectativa dos trabalhadores e cabe a ela fazer uma proposta que atenda ao que foi decidido em Assembléia.

A direção do Sintergia jamais fechou a porta do diálogo, enquanto a CEG apostou na tática de apresentar proposta em conta gotas, subindo suas propostas gradativamente, sem até agora ter apresentado algo que atenda ao que querem os trabalhadores.

Representante dos trabalhadores de 20 empresas do Setor de Energia, o Sintergia já fe-

chou todos os Acordos Coletivos de Trabalho relativos a 2010 e o único pendente é justamente o da CEG que parece estar na contramão do que acontece no mundo do trabalho atualmente.

Num ambiente democrático como o vivenciado pela população brasileira atualmente, é fundamental que empresas e sindicatos encontrem soluções negociadas que demonstrem a importância do diálogo num sistema democrático.

O Sintergia fez todos os esforços no sentido de encontrar uma solução negociada, mesmo depois da desastrosa atuação da segurança da empresa, que tentou barrar de forma violenta uma manifestação pacífica dos trabalhadores à porta da empresa.

Ao final da reunião, a direção do Sindicato apresentou uma proposta de manutenção do índice com a concessão de um abono de R\$ 500,00 na forma de tíquetes-alimentação, que julga ter real possibilidade de aprovação pela categoria, já que a negociação chegou ao limite e estavam esgotadas todas as argumentações.

É importante lembrar que no decorrer do período a empresa deve implantar o Plano de Cargos, Carreiras e Salários (PCCS), o que importará em nova movimentação financeira e na correção de eventuais enquadramentos de pessoal.

A palavra agora está com a CEG.

INTERNET

Desmercantilização da informação*

O neoliberalismo é a realização máxima do capitalismo: transformar tudo em mercadoria. Foi assim que o capitalismo nasceu: transformando a força de trabalho (com o fim da escravidão) e as terras em mercadorias. Sua história foi a crescente mercantilização do mundo.

O capitalismo viveu seu ciclo longo mais importante do segundo posguerra até os anos 70. Quando foi menos liberal, foi menos injusto. Vários países – europeus, mas também a Argentina – tiveram pleno emprego, os direitos sociais foram gradualmente estendidos no que se convencionou chamar de Estado de bem-estar-social.

Esgotado esse ciclo, o diagnóstico neoliberal triunfou, voltando de longo refluxo: dizia que o que tinha levado a economia à recessão era a excessiva regulamentação. O neoliberalismo se propôs a desregular, isto é, a deixar circular livremente o capital. Privatizações, abertura de mercados, “flexibilização laboral” – tudo se resume a desregulações.

A hegemonia neoliberal se traduziu, no campo teórico, na imposição da polarização estatal/privado como o eixo das alternativas. Como se sabe, quem parte e reparte fica com a melhor parte – privado – e esconde o que lhe interessa abolir – a esfera pública. Porque o eixo real que preside o período neoliberal se articula em torno de outro eixo: esfera pública/esfera mercantil.

O ideal neoliberal é construir uma sociedade em que tudo se vende, tudo se compra, tudo sem preço. Ao estilo shopping center. Ou do modo de vida norteamericano, em que a ambição de todos seria ascender como consumidor, competindo no mercado, uns contra os outros.

O próprio Estado se deixou mercantilizar. Passou a arrecadar para, prioritariamente, pagar suas dívidas, transferindo recursos do setor produtivo ao especulativo. O capital especulativo, com a desregulamentação, passou a ser o hegemônico na sociedade. Sem regras, o capital – que não é feito

para produzir, mas para acumular – se transferiu maciçamente do setor produtivo ao financeiro, sob a forma especulativa, isto é, não para financiar a produção, a pesquisa, o consumo, mas para viver de vender e comprar papéis – de Estados endividados ou de grandes empresas -, sem produzir nem bens, nem empregos. É o pior tipo de capital. O próprio Estado se financeirizou.

O neoliberalismo destruiu as funções sociais do Estado e depois nos jogou como alternativa ao mercado: se quiserem, defendam o Estado que eu destruí, tornando-o indefensável; ou venham somar-se à esfera privada, na verdade o mercado disfarçado.

Na esfera da informação, houve até aqui predomínio absoluto da esfera mercantil. Para emitir notícias era necessário dispor de recursos suficientes para instalar condições de ter um jornal, um rádio, uma TV. A internet abriu espaços inéditos para a democratização da informação.

A democratização da mídia, isto é, sua desmercantilização, a afirmação do direito a expressar e receber informações pluralistas, tem que combinar diferentes formas de expressão e de mídia. A velha mídia é uma mídia mercantil, composta de empresas financiadas pela publicidade, hoje aderida ao pensamento único. Uma mídia composta por empresas dirigidas por oligarquias familiares, sem democracia nem sequer nas redações e nas pautas dos meios que a compõem.

A nova mídia, por sua vez, é uma mídia barata nos seus custos, pluralista, crítica. O novo espaço criado pelos blogueiros progressistas faz parte da esfera pública, promove os direitos de todos, a democracia econômica, política, social e cultural. A esfera pública tem expressões estatais, não-estatais, comunitárias. Todas comprometidas com os direitos de todos e não com a seletividade e a exclusão mercantil.

* Emir Sader, sociólogo

Visite o nosso site: www.sintergia-rj.org.br